

**Não separe o homem**  
**A realidade do conflito e o dom da paz**

MILENA MARIANI

*Agnus Dei  
qui tollis peccata mundi  
dona nobis pacem*

*Introdução*

O que é que a fé “antiga”, da qual a teologia é intérprete, pode dizer sobre as novas situações que caracterizam as nossas sociedades e as nossas famílias? O que há de comum entre as certezas da “fé antiga”, sólidas e compartilhadas como casas habitáveis e «a forma comum do saber de hoje baseado na individualidade», fundada sobre hipóteses e sobre experiências passageiras, como tendas montadas provisoriamente?

É Karl Rahner que, no seu ensaio *Zur Situation des Glaubens* publicado em 1980, representa com estas imagens a condição que caracteriza a fé cristã dos nossos dias<sup>1</sup>. Esta condição, que compreendemos ainda melhor à distância de algumas dezenas de anos da publicação deste ensaio, não diz apenas respeito à dimensão do conhecimento e portanto à relação fé/razão ou fé/ciência, mas diz respeito a todas as dimensões da vida de hoje. Fazemos a experiência desta passagem imparável da “casa” à “tenda” em todos os domínios da nossa existência. Reinam aí o hipotético e o provisório. O “se” precede e ganha ao “sim”. Somos os autores e simultaneamente as vítimas de laços ténues, de “intimidades frias” da comunicação digital, que se desvanecem à

---

<sup>1</sup> <sup>1</sup> Karl RAHNER, “Zur Situation des Glaubens”, no texto Karl RAHNER, *Schriften zur Theologie*, Bd. 14, Benziger, Zürich 1980, pgs. 23-47; tr.it. “Sulla situazione della fede” in Karl RAHNER, *Sollecitudine per la Chiesa. Nuovi saggi* VIII, Paoline, Roma 1982, pp. 26-54.

mesma velocidade do seu nascimento<sup>2</sup>. Gostaríamos de construir laços significativos, mas ao mesmo tempo receamos as limitações que poderiam advir à nossa liberdade pessoal e expor-nos a situações de conflito permanente no centro das nossas vidas ou em público nas nossas sociedades complexas<sup>3</sup>.

O que há em comum entre a casa e a tenda? Como é possível viver hoje em dia a fé e falar dela? A Palavra de Deus tem ainda palavras para nós que, por causa das nossas fragilidades pessoais e do afrouxamento dos laços sociais, vivemos cada vez mais “separados apesar de toda a união”<sup>4</sup>. Será que também a teologia, em dificuldade para com a experiência contemporânea, se deverá limitar a descrever a complexidade ou resignar-se a fazer com outros um “elogio do conflito”<sup>5</sup>? Ou deverá encorajar os “belos sentimentos” que sugere “fazer como se não houvesse diferenças nem conflitos”<sup>6</sup>?

Julgo que a fé cristã e a teologia podem e devem cultivar pensamentos diferentes. Espera-se delas que não façam um elogio do conflito ou neguem a sua existência, mas que façam um elogio da paz não esquecendo a gravidade do conflito. Por outro lado a natureza da paz “dada” pelo Ressuscitado é uma paz marcada pelas feridas da paixão, deslumbrante como a luz da aurora que atravessou e venceu as trevas da noite.<sup>7</sup>

Destas reflexões preliminares provêm os três momentos que compõem a minha conferência. No primeiro momento tentar-se-á atravessar a noite dos conflitos familiares e a este propósito será a extraordinária narração bíblica da história de José

---

<sup>2</sup> Zygmunt BAUMAN, *Liquid Love: On the Frailty of Human Bonds*, Polity, London 2003; tr.it. *Amore liquido. Sulla fragilità dei legami affettivi*, Laterza, Roma-Bari 2012<sup>16</sup>; Eva ILLOUZ, *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism*, Polity, London 2007; tr.it. *Intimità fredde. Le emozioni nella società dei consumi*, Feltrinelli, Milano 2007; Luigi ZOJA, *La morte del prossimo*, Einaudi, Torino 2009.

<sup>3</sup> Pierpaolo DONATI (ed.), *La relazione di coppia oggi. Un sfida per la famiglia*, Erickson, Trento 2012.

<sup>4</sup> Sergio BELARDINELLI, “Conflitto”, in Sergio BELARDINELLI, *Sillabario per la tarda modernità*, Cantagalli, Siena 2012, pp. 39-43 (cfr. Ferdinand Tönnies); Luigi GHIA, “La fragilità dei rapporti affettivi”, in Luigi GHIA (ed.), *Se un amore muore. La Chiesa e i cristiani divorziati*, Monti, Saronno (Varese) 2010, pp. 7-29; Carlo Mario MOZZANICA, *Ragioni e regioni della fragilità della famiglia*, «Appunti di cultura e politica» 35/2 (2012), pp. 21-29.

<sup>5</sup> Miguel BENASAYAG – Angélique DEL REY, *Éloge du conflit*, La Découverte, Paris 2007; tr.it. *Elogio del conflitto*, Feltrinelli, Milano 2008.

<sup>6</sup> Michel DE CERTEAU, *La faiblesse de croire*, Seuil, Paris 1987; tr.it. *La debolezza di credere. Fratture e transiti del cristianesimo*, Città Aperta, Troina (Enna) 2006, p. 198; Michel DE CERTEAU, *Mai senza l'altro*, Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano (Biella) 2007<sup>2</sup>, pp. 17, 39-61.

<sup>7</sup> Cfr. Giovanni Bellini, *Cristo benedicente (Le Christ bénissant)*, Musée du Louvre, Paris.

e dos seus irmãos que nos vai ajudar. No segundo momento vai-se aflorar o dom da paz, que é o fundamento da aliança do homem e da mulher no matrimónio, um presente tão frágil como a responsabilidade humana à qual é confiado, mas tão forte e tenaz como a Graça de Deus, donde provém. O terceiro momento tem origem na reafirmação do primado da Graça de Deus e esboça os « caminhos de paz » que se podem reconhecer. Finalmente dois quadros sob o título « o espinho e a mão » que pretendiam resumir as reflexões feitas e encorajar outras.

### *1. Os conflitos familiares e os filhos de Jacob*

Quando se está mergulhado na noite e se avança às apalpadelas, leva-se as mãos à frente para se detectar os obstáculos. No caminho de dois cônjuges ou duma família parece por vezes que todos os caminhos estão fechados, e que não se chega a encontrar a saída em direcção à aurora, por causa de tantos obstáculos que se interpõem. Devemos admitir que as experiências precedentes nunca nos ensinam suficientemente, desde que conseguimos desenredar o emaranhamento dos mal-entendidos e nos libertámos do labirinto de pensamentos tortuosos e de sentimentos hostis. Tornámos a ver a aurora e estávamos espantados por nos reencontrar unidos, para além do conflito. Mas de cada vez parece que recomeçamos, como se tivéssemos esquecido o que já vivemos.

Contudo existem manifestações que não somente indicam as nossas profundas diferenças ou semelhanças irritantes (mulheres e homens, pais e filhos), mas prenunciam o explodir de conflitos difíceis de curar, o adensar de trevas difíceis de atravessar.

Uma destas manifestações é o mal/entender: escutam-nos sem atenção ou escutam apressadamente; tomamos como certo ter entendido e não pedimos nenhuma explicação; procuramos adivinhar o pensamento do outro e não lhe damos tempo nem liberdade para se exprimir; inevitavelmente somos limitados na capacidade de compreender e não queremos admitir a possibilidade da culpa ou do mal-entendido.

Depois há o mal/amar, com todas as suas inumeráveis variantes, do demasiado ao já não: pode-se ser ciumento ao ponto de matar ou indiferente até odiar o outro; pode-se continuar a amar, através do outro, somente a si mesmo ou anular-se em proveito exclusivo do outro; pode preferir-se um dos filhos ou fazer com que nenhum deles se sinta amado. Enfim há também o mal/dizer, que conhece muitas nuances: fala-se demasiado ou fica-se obstinadamente calado; diz-se toda a verdade presumida ou mente-se sem moderação; só se dizem disparates ou fala-se apenas de assuntos muito sérios; diz-se “mal” do outro ou ignora-se.

Para melhor explicar estas manifestações, podemos referir-nos à narração bíblica muito instrutiva da família do patriarca Jacob, mais conhecida como « história de José » (Gn 37,2-50,26).<sup>8</sup> Uma obra-prima da literatura, da psicologia e da teologia, engastada no interior das histórias familiares dos patriarcas, frequentemente atormentadas. Desta vez não se fala dum conflito entre esposos, mas da relação do pai Jacob com os seus filhos, prelúdio do drama, e da relação dos irmãos entre si, no interior da qual se destaca a diferença marcante de José. É preciso recordar que o que desencadeia o drama não são apenas os sonhos de José, que parecem anunciar a sua superioridade sobre os irmãos, mesmo sobre os seus pais, mas muito tempo antes as suas palavras e o mau hábito de repetir ao pai maledicências sobre os seus irmãos. José não é capaz de refrear a curiosidade e a língua, talvez para ganhar mais ainda o favor do seu pai, que evidentemente já o tinha privilegiado pela túnica ornada, digna de um príncipe. As consequências da predilecção do seu pai e da ingenuidade dum rapaz de 17 anos são devastadoras: os irmãos têm ciúmes de José, odeiam-no, já não falam amigavelmente com ele, «já não lhe dirigem o *shalom*».

É o efeito de palavras mal empregues, de sonhos ingenuamente contados, de fraquezas e de silêncios dum pai incapaz de compreender as situações e de corrigir

---

<sup>8</sup> Gerhard VON RAD, *Das erste Buch Moses: Genesis*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1972<sup>9</sup>; tr.it. *Genesi*, Paideia, Brescia 1978<sup>2</sup>, pp. 467-596; Luis ALONSO SCHÖKEL, *¿Dónde está tu hermano? Textos de fraternidad en el libro del Génesis*, Instituto S. Jerónimo, Valencia 1985; tr.it. *Dov'è tuo fratello? Pagine di fraternità nel libro della Genesi*, Paideia, Brescia 1987 (III Parte); Antonio BONORA, *La storia di Giuseppe. Dio in cerca di fratelli. Genesi 37-50*, Queriniana, Brescia 2004<sup>4</sup>; Roberto VIGNOLO, “Il legame più complesso. Luci e ombre delle relazioni parentali nella Bibbia” in AA.VV., *Genitori e figli nella famiglia affettiva*, Glossa, Milano 2002, pp. 147-215.

com energia os filhos, incapaz de amar e de educar os filhos para a fraternidade. O conflito latente explode quando José se reúne aos seus irmãos no campo, mas a distância entre eles já se tinha instalado. O emaranhamento do mal/comprender, do mal/amar e do mal/dizer afastou os irmãos uns dos outros. O rapaz vai procurar os seus irmãos (« Eu busco os meus irmãos »), mas já os perdeu enquanto irmãos, assim como Jacob já perdeu os seus filhos enquanto irmãos. Em vez de ser morto, José foi vendido a mercadores que passavam, com um cinismo que o hábil narrador sublinha ainda mais ao mostrar-nos os irmãos que mentem ao pai, entregando-lhe a túnica ensanguentada com o sangue de um cabrito.

Mas a história de José merece ser repetidamente contada e investigada não somente pelo rumor subtil que anuncia o conflito e o adensar das trevas. Igualmente extraordinária é a narrativa do caminho de recomposição desta família lacerada.

Os anos passam. O pai continua a recordar na dor, enquanto os irmãos parecem ter esquecido. Mas o imprevisível acontece : uma fome obriga uma grande parte da família a emigrar para o Egipto, onde entretanto José se tornou uma personagem influente. Ele mudou, os irmãos já não o reconhecem, mas ele está em condições de os reconhecer. José escolhe esconder durante muito tempo a sua própria identidade. Pressionou os seus irmãos com perguntas para que eles recordem e com a recordação também a dor da recordação. Ele submete-os a dura prova, acusa-os falsamente, obriga-os a fazer viagens de regresso ao pai – viagens que levam os irmãos a regressar a si mesmos e à fraternidade – e somente no fim revela comovido a própria identidade. O longo silêncio entre os irmãos, começado bem antes da traição, dá lugar à palavra trocada (*Gn 45,15*). O afastamento transforma-se em convivialidade. A paternidade, em vez de dividir como antes, torna-se um elemento de coesão familiar. O perdão triunfa, não porque seja merecido, mesmo depois das provas. Na realidade, da parte de José o perdão precede as provas, é a condição pela qual ele traçou um percurso exigente e claro para os seus irmãos, levando-os ao arrependimento. O perdão é concedido sem demora, e dado sem precipitação. Não porque os irmãos o

mereçam, mas porque Deus o merece, segundo o esplêndido comentário de Adrian Schenker.<sup>9</sup>

O que é que Deus não merece quando é reconhecido como Deus ? Deus, que em silêncio acompanhou toda a narrativa, merece também o perdão dos irmãos miseráveis. Durante todo o tempo Deus deixou José agir, mas contudo acompanhou e orientou o seu fatigante caminho numa direcção inesperada : « O mal que me desejáveis fazer – é o comentário de José – o desígnio de Deus transformou-o em bem» (*Gn 50,20*).

Sob certos aspectos a acção prudente de José lembra as palavras do intendente astuto louvado por Jesus : «Já sei o que hei-de fazer» (*Lc 16,4*). Na Bíblia elogia-se constantemente a sabedoria humana, que sabe desenredar-se na complexidade da história e que deve ser realizada. Com um pouco de audácia contemporânea relativamente à antiga narrativa, ousou dizer que desta maneira se estabelece a importância de todos os recursos que, baseados numa sabedoria cultivada, conseguimos imaginar para compreender as nossas situações de conflito e para sair delas. Longe de nos livrar da apreciação destes recursos, a fé em Deus e a invocação do Céu comprometem-nos mais ainda a explorar o humano e a confiar nas capacidades da nossa inteligência e da nossa humanidade. Por esta razão – acrescento – as ciências humanas e sociais, a história e a filosofia desempenham um papel insubstituível face à teologia, não podem ser impunemente ignoradas em nome duma fé ou duma teologia que pretenderiam ter uma pronta solução para todas as questões, sem se deter sobre o humano nas suas manifestações, sem interrogar com inteligência e astúcia todas as dimensões da experiência humana.

A análise muito fina da antiga narrativa confirma-nos, por um lado, a complexidade, a dureza, a tenacidade dos conflitos, e por outro lado sugere-nos caminhos de recomposição que passam pelo resgate da escuta, das palavras e dos silêncios, dos gestos, do tempo, dos intervalos de afastamento e de proximidade, da memória.

---

<sup>9</sup> Adrian SCHENKER, *Versöhnung und Sühne. Wege gewaltfreier Konfliktlösung im Alten Testament*, Schweizerisches Katholisches Bibelwerk, Freiburg (Schweiz) 1981, p. 46 (cit. in Antonio BONORA, *La storia di Giuseppe*, cit., p. 52).

Caminhos que a sabedoria humana (e também uma reflexão feita por especialistas) têm o dever de reconhecer e que mostram a sua parcialidade – sob a aparência de serem indiscutíveis – quando afirmam que não podemos « tornar-nos outros que nós próprios »<sup>10</sup> ou não temos nada de novo a descobrir sobre os homens e sobre Deus. Bastaria pensar na exclamação de Jacob, depois do sonho da escada erguida sobre a terra cujo cimo atingia o céu e sobre a qual anjos de Deus subiam e desciam : «Em verdade Yahvé está neste lugar e eu não sabia» (Gn 28, 16).

Podemos mudar e reconciliar-nos. O conflito nem é originário nem escatológico. *Polemos* (demónio da guerra) não é para nós «pai de todas as coisas» (Eráclito).<sup>11</sup> Quando muito temos Jerusalém por mãe (Ga 4,26) : a «cidade da paz», marcada como nós pelas feridas da história e todavia ainda cheia da promessa de paz. Originária e escatológica (definitiva, última) é a paz para a qual podemos tender, percorrendo com confiança os caminhos de transformação pessoais, familiares, colectivos que conseguimos entrever. A narrativa do *Génesis*, como acontece para toda a narrativa fundadora, permanece um agulhão para cultivar sempre de novo paixões e pensamentos de paz, atravessando e não ultrapassando o conflito, esperando com boas razões e por boas práticas que também ele possa servir enfim para o bem precioso da paz. A antiga narrativa permanece também um agulhão quando é lida partindo do Novo Testamento e se reconhece em José uma antecipação surpreendente do Filho do Homem, vindo salvar os que estavam perdidos e reconciliar em Si os separados.

---

<sup>10</sup> Miguel BENASAYAG – Angélique DEL REY, *Elogio del conflitto*, cit., pp. 31-48, qui p. 39.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 9 e *passim*; ERACLITO, Fr. 29 (53 DK; 44 B), in ERACLITO, *Testimonianze, imitazioni e frammenti con i testi greci*, Bompiani, Milano 2007, pp. 479-482.

## 2. A Paz dada

Partamos deste ponto. Segundo a esplêndida definição de Dietrich Boenhoeffer, o único ponto de partida para os homens de fé cristã e para os teólogos é que os cristãos são « os que vivem a partir do Cristo ».<sup>12</sup> Viver a partir do Cristo, pensar e esperar partindo d'Ele, significa viver, pensar e esperar a partir da « Sua » paz, que já foi dada e que espera ser completamente e continuamente feita.<sup>13</sup>

Detenhamo-nos sobre as características desta paz. Trata-se da « Sua » paz, que foi « entregue » aos Seus discípulos no momento do adeus : « Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz » (*Jo 14,27*). Estas palavras não se podem separar da marca dos cravos e da ferida do lado que o corpo do Ressuscitado continua a mostrar, fiel à história que foi, fiel à história que virá até ao fim do mundo. Nas palavras do Ressuscitado não há uma pista de que o conflito possa ser apagado a bom preço. A « Sua » paz contém o drama da partilha e da dor. Ela é dada depois de Cristo ter atravessado as trevas da traição, do escárnio, da crucifixão, do abandono, da morte e do enterro, antes de ver a aurora da ressurreição.

A palavra « paz » na boca do Ressuscitado nada tem a ver com o leve irenismo de muitas pessoas que nada sabem de humanidade. A palavra que Ele diz é uma palavra que tem peso. Ela é o ponto de chegada duma história carregada de conflitos e de ódio e é também o ponto de chegada da profissão de fé dos seus discípulos. De salvação e dom pascal (« a Paz esteja convosco! ») ela torna-se o próprio nome de Cristo, como o explicita de uma maneira esplêndida a *Epístola aos Efésios* : « Com efeito, Ele é a nossa paz, Ele que, dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade: na sua carne, / anulou a lei, que contém os mandamentos em forma de prescrições para, a partir do judeu e do pagão, criar em si próprio um só homem novo, fazendo a paz, / e para os reconciliar com Deus, num só Corpo, por

---

<sup>12</sup> Dietrich BONHOEFFER, *Schöpfung und Fall. Theologische Auslegung von Genesis 1-3*, Chr. Kaiser Verlag, München 1933; tr.it. *Creazione e caduta. Interpretazione teologica di Gn 1-3*, Queriniana, Brescia 1992, pp. 54-55.

<sup>13</sup> Cfr. Michel DE CERTEAU, *Mai senza l'altro*, cit., pp. 39-61.

meio da cruz, matando assim a inimizade. / E na sua vinda anunciou a paz, a vós que estáveis longe e paz àqueles que estavam perto : / porque é por Ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai ». <sup>14</sup>

“Paz” torna-se assim um dos títulos cristológicos mais intensos no Novo Testamento. Aqui não podemos avançar no caminho encantador que este título nos abre, um caminho percorrido já distintamente – vendo bem – em todo o Novo Testamento : a partir da narrativa do nascimento de Jesus, com o cântico de paz dos anjos até à representação da Jerusalém do céu no Apocalipse, tendo ao centro « O Cordeiro, de pé, como imolado » (Ap 5,6), o Crucificado Ressuscitado.<sup>15</sup> Mas podemos retirar daí com mais atenção a recaída nos meios da antropologia e da Igreja, da história e da política : a paz é proposta como marca duma humanidade renovada e como destino do homem nas suas diferentes formas e expressões históricas. O Cristo entrega a « Sua » paz aos discípulos e a todos os homens graças ao seu anúncio, a fim de que cada um a guarde e a torne própria, ao ponto de já não ser capaz de se separar dela e de já não poder « suportar » as separações (que são outra coisa relativamente às diferenças e aos eventuais conflitos, relativamente ao primeiro «enfrentamento» do homem e da mulher ou ao confronto aberto de opiniões). Pelo Ressuscitado « Deus confia-nos a paz », como diz Bento XVI no decurso da sua viagem apostólica ao Líbano (15 de Setembro de 2012) : « convido-vos a testemunhar com coragem à vossa volta, em todos os momentos, que Deus quer a paz, que Deus nos confia a paz. Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz (Jo 14,27)!» <sup>16</sup>...

Voltemos agora a considerar mais de perto a realidade da família. É evidente que a aliança estabelecida entre o homem e a mulher no matrimónio – segundo a linguagem adoptada de preferência pelo Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes*, nos. 47-52 – não pode deixar de se apoiar sobre esta paz, sobre a paz que enfim é o próprio Cristo, aquele que reconcilia infatigavelmente a humanidade pela sua morte e pela sua

---

<sup>14</sup> Ef 2,14-18; cfr. Ef 6,15; At 10,36.

<sup>15</sup> Otto BAUERNFEIND – Werner FOERSTER – Gerhard VON RAD, *Guerra & pace nel Nuovo Testamento*, Paideia, Brescia 1993.

<sup>16</sup>[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2012/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20120915\\_autorita\\_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120915_autorita_it.html).

ressurreição. Aí reside o fundamento sobrenatural do matrimónio, destinado a sustentar os esposos na fragilidade das suas intenções mesmo quando boas e nos limites da sua humanidade.<sup>17</sup> O poder inclusivo da Cruz e da Ressurreição assegura-nos que não somente nós, os baptizados e abençoados com o sinal da Eucaristia, mas também todos aqueles que se prometem mutuamente com um amor sincero estão unidos pela Graça de Deus, que tem a força de tornar fecundas as diversidades e de reconverter sempre à paz.<sup>18</sup>

Não se casa para se preparar ou resignar a uma vida de conflitos contínuos e de armistícios provisórios, mas porque se quer renovar em cada dia o dom recíproco da paz, trocar em cada dia palavras e gestos de paz, confiando na Graça de Deus. A paz de Deus está já em acção em silêncio na história do mundo e nas pequenas histórias dos nossos afectos familiares, como acontece na preciosa narrativa da família de Jacob e nos dias dramáticos da Páscoa. Ela actua na história como uma força de coesão que vence já todos os possíveis conflitos e nos pede para ser acolhida e favorecida.<sup>19</sup>

« Deus entrega-nos a paz », dirigindo-nos um convite premente para assumirmos responsabilidades relativamente a este dom inestimável. Esta responsabilidade ultrapassa evidentemente os contornos familiares e alarga-se em direcção a todos os ambientes da nossa vida. Quando se fala de responsabilidade dos cônjuges esquece-se frequentemente de falar desta dimensão pública.<sup>20</sup> Mas é evidente que o matrimónio como sinal de aliança estabelece uma responsabilidade do conjunto da família com referência à paz ou, por outras palavras, segundo um tema caro à tradição cristã, à unidade do género humano ou da « família humana », como lhe chamou o Concílio Vaticano II. Compreende-se então a coragem com que a Exortação apostólica

---

<sup>17</sup> Xavier LACROIX, *De chair et de parole. Fonder la famille*, Bayard, Paris 2007; tr. it. *Di carne e di parola. Dare un fondamento alla famiglia*, Vita e Pensiero, Milano 2008, pp. 77-118.

<sup>18</sup> *Familiaris consortio*, n. 57. Cfr. Milena MARIANI, “Quando i due diventano uno. Considerazioni teologiche sul matrimonio”, in AA.VV., *Il matrimonio: tradizione e scenari. Atti del convegno 20-21 ottobre 2007*, «Il Margine» 28/2 (2008), pp. 72-80.

<sup>19</sup> Jürgen MOLTSMANN, *Ethik der Hoffnung*, Gütersloh, Gütersloher Verlagshaus 2010; tr.it. *Etica della speranza*, Queriniana, Brescia 2011, pp. 296-298; cfr. pp. 207-283.

<sup>20</sup> Michele NICOLETTI, “Matrimonio e società”, in AA.VV., *Il matrimonio: tradizione e scenari*, cit., pp. 58-65.

*Familiaris Consortio* (no. 48) ousa falar de « sinal de unidade para o mundo », mesmo na consciência da grave crise que assola a instituição familiar dos nossos dias. Não se pode renunciar a dizer qual é a vocação da família e a dizê-lo segundo a amplitude das suas dimensões, encorajados não somente pelas nossas capacidades de resistência ao clima cultural, mas pela perseverança da Graça de Deus, que não se extingue mesmo neste Ocidente entregue a uma total crise de identidade muito profunda.

Também hoje – e talvez sobretudo hoje – o testemunho cristão dos esposos qualifica-se como prova da aliança entre Deus e toda a humanidade, estabelecida pelo seu amor recíproco e pelos frutos deste amor que são, sim, os filhos, mas também todas as obras de paz que a bênção fecundante de Deus torna possível por seu intermédio. « Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus » (*Mt 5,9*).

Estaremos talvez a cair de novo num elogio irrealista da paz, num louvor que, apesar de tudo, ultrapassa a gravidade dos conflitos familiares do nosso tempo? Será que a « fé antiga » esqueceu as « tendas montadas provisoriamente » sob as quais habitam as nossas actuais uniões?

Qual é o sentido de repetir hoje as palavras de Jesus, posto à prova pelos fariseus: « O que Deus uniu não o separe o homem » (*Mt 19, 6*)? Não se tratará de um dever demasiado difícil para nós? Não sofrerão talvez as nossas gerações de uma « dureza de coração », pior que a censurada por Jesus aos seus interlocutores? Poderão as nossas mãos, enfraquecidas por um sentido tão forte de precariedade, sustentar ainda o dom da paz que nos é entregue pela Eucaristia na celebração nupcial?

Colocam-se muitas questões, perante as quais se poderia dizer: impossível aos homens, mas possível a Deus. Não se trata duma fuga, duma profissão de fé cega. Trata-se antes de reconhecer a prioridade da Graça relativamente a todo o voluntarismo, seja fraco ou heróico. É próprio de Deus unir e o homem pode aprender a não separar. Seria preciso reler assim, com a tónica colocada sempre da parte de Deus, a história que liga um homem a uma mulher e que os torna fecundos

de uma nova vida, nas suas várias formas. Seria preciso colocar uma segunda ênfase, também ela decisiva: certamente, «Deus uniu», mas sobretudo «Deus mantém unido». A fidelidade de Deus estende-se no presente de cada história humana, mesmo a mais complicada. Eis as palavras de Michel de Certeau: «a sabedoria da fé conta com o Fiel».<sup>21</sup> Apesar de ser mais pequena que um grão de mostarda, nas situações de dificuldade a fé pode pelo menos tentar declinar no presente a fidelidade de Deus e tentar declinar-se no presente, tentando por todas as formas não separar o que Deus «mantém unido», com um amor inesgotável.

### 3. *Reconhecer os caminhos da paz*

Apela-se frequentemente à imaginação para evitar o tédio, inimigo implacável das relações familiares e fonte de muitas separações. Certamente a imaginação pertence a estas dotações de sabedoria e de astúcia humana, às quais também Jesus tece o elogio (e não somente a boa psicologia ou a mediação familiar). Todavia, a objecção mais frequente quando as situações parecem escapar das mãos, é «já não sabemos que mais inventar».

Tentemos sair do *impasse*, alavancando o primado da Graça. Será que devemos inventar sempre coisas novas ou será antes verdade que nos é pedido – mais modestamente – *reconhecer* os caminhos da paz?

Lembremos as lágrimas de Jesus à vista de Jerusalém, a «cidade da paz» que não pode compreender «Aquele que te pode trazer a paz [tà pròs eiréne]» (Lc 19,42). É preciso reconhecer que também nós nos esforçamos não somente para reconhecer os sinais que antecedem as nossas separações, mas mais do que isso, reconhecer os caminhos que na vida quotidiana nos permitiriam acolher o dom da paz. Caminhos que contudo não são invisíveis. Pode-se partir das expressões postas anteriormente em destaque e inverter o sinal ao mal/comprender, ao mal/amar, ao mal/dizer, encontrando assim alguns caminhos abertos: a escuta recíproca e certificar-se que se

---

<sup>21</sup> Michel DE CERTEAU, *Mai senza l'altro*, cit., p. 159.

compreendeu bem o que o outro queria dizer; estar vigilantes contra os ciúmes, as invejas, as indiferenças, as violências verbais e não verbais; a palavra correcta, construtiva, consoladora, encorajadora. Poderíamos assim reportar-nos à metáfora, sempre eficaz, da casa e perguntar-nos como se pode «fazer lar», que partilhas requer o facto de se ser uma família. Também estas partilhas deveriam ser óbvias: falemos pelo menos de «um tempo partilhado, um lugar partilhado, um amor partilhado».<sup>22</sup>

Entre todos os caminhos que conduzem à paz e que também a sabedoria humana pode percorrer, sobressai o do perdão. Frequentemente parece-nos um caminho inacessível e estreito, semelhante a esses trilhos de montanha que conduzem ao cume, de onde enfim o olhar se espraia e contempla paisagens maravilhosas. Longe de ser um caminho extraordinário, à luz da experiência familiar revela-se como a via mais vulgar e obrigatória. O amor nunca se rege por um princípio de simetria, nem mesmo quando há uma autêntica partilha de amor. Temos sempre muito que nos perdoar reciprocamente. Coisas pequenas ou grandes. E o princípio de simetria funciona tanto menos quanto mais lacerantes forem os conflitos.

Por outro lado, não é assim o amor que se pode aprender de Cristo? O amor/*agape* é assimétrico de forma evidente. Basta olhar a história de Jesus ou interrogarmo-nos sobre as nossas experiências, onde « amar » se conjuga sempre com « acreditar » e « esperar ». O *agape* desequilibrado a favor do outro permanece a realidade decisiva nas nossas relações, como explica Paulo sem possibilidade de mal-entendido quando ilustra o « caminho que ultrapassa todos os outros » (1 *Cor* 12,31-13,13). Paul Ricoeur chama-lhe caminho da «equidade» e não da simples «justiça».<sup>23</sup> Podemos assim apelidá-lo de caminho das Bem-aventuranças, sublinhando que não carece do aplauso de outrem, visto que é comparável a um caminho inútil e perdedor e contudo

---

<sup>22</sup> Alessandro ZACCURI, *Che cos'è una casa*, Cittadella, Assisi 2009, p. 7: «Che cos'è, che cos'è una casa? / No, non soltanto cose raccolte / e scelte e amate – fortuite cose. / Ma un condiviso tempo, / un condiviso luogo, un condiviso / amore». Cfr. Antonio SPADARO, *Svolta di respiro. Spiritualità della vita contemporanea*, Vita e Pensiero, Milano 2010, pp. 210-212 (“Casa”).

<sup>23</sup> Paul RICOEUR, *Parcours de la reconnaissance. Trois études*, Stock, Paris 2004; tr.it. *Percorsi del riconoscimento. Tre studi*, Cortina, Milano 2005, pp. 247-253, qui p. 253.

é o único que pode salvar qualquer relação. É um caminho já aberto à nossa frente e torna-se mais evidente e persuasivo quanto mais decidimos percorrê-lo.

Enfim podemos chamá-lo como a via que é o próprio Cristo. A afirmação de Jesus « Eu sou o Caminho » desenvolve-se na exortação de São Paulo (*Fi 2,5-11*) « Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: / Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus / no entanto, esvaziou-se a Si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, / rebaixou-se a Si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. / Por isso mesmo é que Deus O elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, / para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; / e toda a língua proclame: “Jesus Cristo é o Senhor!”, para glória de Deus Pai ».

O caminho torna-se aqui inacessível, na assimetria claramente desenhada por toda a história do Filho do Homem. Uma parábola da descida vertiginosa na condição humana antes da subida cheia de glória ao Pai. No ponto mais baixo, no início dos dias da Paixão, segundo o evangelista João há o gesto do lava-pés, um escândalo se aquele que o faz aos seus discípulos é o Mestre, inimaginável se nas vestes do servo reconhecemos o Senhor.

Nada há mais assimétrico que o *agape* de Cristo e que o *agape* cristão, que de Cristo toma a sua forma própria. A assunção baptismal e eucarística das nossas vidas dentro da parábola de Cristo e o poder da sua Graça transformadora fazem-nos acreditar e esperar que este seja o caminho da verdadeira santidade. Levam-nos a amar este caminho, mesmo por entre as resistências da nossa liberdade, recalcitrante em empreender a via do *agape*.

### 3. *O espinho e a mão*

Portanto a «fé antiga» não é muda perante as situações sempre novas e ao mesmo tempo sempre antigas que caracterizam as nossas histórias. A Escritura tem ainda palavras para nós, se nos detivermos a escutá-la, parando por instantes o nosso ruído e o nosso vagabundear sem destino. Sabedoria humana e esperança cristã, ciências humanas e teologia podem assinar um pacto renovado para socorrer os danos, a superficialidade ou o desespero, a exacerbação dos conflitos e o desejo de paz das famílias dos nossos dias. Pode-se fazê-lo, superando as desconfianças enraizadas e libertando-se da propensão para se ocupar mais da genealogia do mal do que da sua mitigação e redenção.

A este propósito gostaria de concluir a minha conferência lembrando uma pintura e um ícone.

A pintura é *São Jerónimo na sua cela*, atribuída a Colantonio e exposta no Museu de Capodimonte em Nápoles. Representa o Santo ocupado a retirar um espinho da pata dum leão que por este motivo, segundo a lenda, depõe a sua habitual ferocidade. A lenda presta-se a inúmeras interpretações, não sendo a última a proposta pelo Cardeal Carlo Maria Martini, que no leão domesticado vê o símbolo da morte que se aproxima, à qual somente a oração poderia retirar o aguilhão.<sup>24</sup> Parece-me também que no leão se pode reconhecer tudo o que ameaça dilacerar as nossas vidas e que em muitos aspectos nos ultrapassa, inspirando-nos medo. No meu texto tentei oferecer algumas ideias sobre o tema do conflito: se não pudermos evitar totalmente os conflitos, podemos pelo menos identificar alguns espinhos e tentar retirá-los, para evitar que a ferocidade das nossas divisões cresça e nos devore. Podemos fazer muito neste sentido, ao nível pessoal, familiar, social, político, eclesial, em nome desta paz, graças à qual vivemos e à plenitude da qual estamos destinados.

O ícone que quero recordar é provavelmente mais conhecido. Representa o Ressuscitado que segura pelos pulsos Adão e Eva, para os arrebatar da escuridão dos

---

<sup>24</sup> Cfr. *Lettere al Cardinal Martini*, «Corriere della Sera», 24 giugno 2012, p. 19.

infernos. É a vitória da Páscoa que nos deixa esperar que todo o homem e toda a mulher possam fazer a experiência de ser libertados da sua desordem e dos seus conflitos mais devastadores. Podemos esperá-lo e suplicar sempre de novo com as palavras que a liturgia nos sugere : «*Agnus Dei / qui tollis peccata mundi / dona nobis pacem*».

Podemos suplicar por todos, principalmente pelas famílias do nosso tempo. Sem orgulho, pois sabemos que perante Deus somos todos «perdidos e achados». Podemos também reflectir mais intensamente como reaproximar os que se separaram ou perderam Àquele que pode erguê-los, tomando-os consigo (é isso que significa «*qui tollis*») e interrogar-nos assim se a norma adoptada é a mais correspondente ao poder inclusivo da Páscoa e da Eucaristia. <sup>25</sup> Podemos fazer muito, pela Graça de Deus, esperando a Nova Jerusalém, tendo já perante os nossos olhos esta árvore da vida que «frutifica doze vezes por ano» e cujas folhas «podem curar as nações» (Ap 22,2).

---

<sup>25</sup> Cfr. Dionigi TETTAMANZI, “Il Signore è vicino a chi ha il cuore ferito (Sal 34,19)”, in Carlo Maria MARTINI – Dionigi TETTAMANZI – Angelo SCOLA, *Il tempo della famiglia e dell’amore*, RCS Libri, Milano 2010, pp. 147-159.